

#cm
2
FIM DE SEMANA

Ex-Deep Purple,
Glenn Hughes
se apresenta no
Circo Voador

PÁGINA 6



TV aberta
celebra
Nelson Pereira
dos Santos

PÁGINA 13



As berrys estão
com tudo nos
restaurantes e
bares cariocas

PÁGINA 16



Priscila Prade/Divulgação

Avôhã, Zé da Paraíba!

Musical que celebra 45 anos de carreira do bardo,
'Admirável Sertão de Zé Ramalho' chega ao Rio. **Página 2**

Priscila Prade/Divulgação



Os tipos apresentados nas canções de Zé Ramalho são o ponto de partida da narrativa do musical

Dramaturgia fora da linearidade

Homenagem ao músico parte dos personagens emblemáticos de seu cancioneiro

A obra do cantor e compositor paraibano Zé Ramalho é vista através de recortes, símbolos e metáforas em “O Admirável Sertão de Zé Ramalho” musical que chega ao Teatro Carlos Gomes após circular por dez cidades e ser visto

por mais de 15 mil pessoas. O espetáculo celebra os 45 anos de trajetória artística do autor de “Admirável Gado Novo”, “Chão de Giz” e “Pedra do Ingá”.

Idealizado pelo produtor Eduardo Barata e desenvolvido pela dramaturgia de Pedro Kosovski sob direção de Marco

André Nunes, o musical distancia-se da narrativa linear tradicional. “É uma homenagem a um grande brasileiro que levou para o mundo a força artística do Nordeste, com qualidade em sua realização e enorme potência criativa. O texto apresenta personagens de referência na obra do homenageado – os retirantes, a seca, a trovadora e Avôhai”, explica Barata.

Pedro Kosovski construiu um texto que dialoga organicamente com as canções. “As

próprias músicas revelam momentos da vida desse grande artista. Tudo é muito carregado de simbolismo e metáforas. Montei uma estrutura com textos que não brigassem com as letras. É uma oportunidade para que possamos entrar nessas imagens que as canções evocam”, detalha o dramaturgo.

O diretor Marco André Nunes reforça: “No espetáculo, colocamos em cena recortes da trajetória do Zé, desde a infância até ele se tornar conhecido

nacionalmente. Tanto quem conhece quanto quem não conhece muito o Zé vai poder observar as músicas e ser tocado por essas experiências que ele viveu”. A estrutura divide-se em cinco módulos: Brejo da Cruz (origens), Campina Grande (despertar musical), João Pessoa (início da composição), Rio de Janeiro (dificuldades) e Popstar (consagração).

O elenco reúne Eli Ferreira, Ceiza Moreno, Cesar Werneck, Diego Zangado, Duda Barata, Marcello Melo, Muato e Nizaj.

A força mais sedutora da obra de Zé Ramalho está em suas letras. Seus versos bebiam tanto no folk-rock de Bob Dylan quanto nos violeiros do Vale do Pajeú, despertando associações inesperadas, memórias ancestrais atravessadas por lampejos futuristas, intuições antigas quanto as pedras sertanejas filtradas por sensibilidades contemporâneas. Tratava-se de um realismo fantástico genuinamente brasileiro, onde o Sertão nordestino revelava-se tão propício às visões lisérgicas quanto os desertos americanos celebrados pela geração beat.

Entre composições própria e álbuns de releituras de suas grandes influências (Beatles, Raul Seixas, Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro), a discografia de Zé Ramalho ultrapassa 30 álbuns, totalizando mais de 6 milhões de cópias vendidas, com destaque para o CD duplo “20 Anos: Antologia Acústica” de 1997, que ultrapassou a marca de 1 milhão de exemplares. Mas o dado mais significativo está além dos números, pois sua obra ganha mais e mais densidade com o passar do tempo.

SERVIÇO

O ADMIRÁVEL SERTÃO DE ZÉ RAMALHO

Teatro Carlos Gomes (Praça Tiradentes s/nº – Centro) De 13/11 a 14/12, quintas e sextas (19h) e sábados (17h)
Ingressos: R\$ 40 a R\$ 20 (meia) | R\$ 20 e R\$ 10 (sessões populares dias 15 e 16/11)

CRÍTICA / TEATRO / TOC TOC

Diversão empática

Por **Cláudio Handrey**
Especial para o Correio da Manhã

A pesar de não reunir estrutura comediográfica consistente, “Toc Toc” é um sucesso no Brasil e fora dele, caindo nas graças do público. A plateia encanta-se pelas situações criadas pelo francês Laurent Baffie, com adaptação de Alexandre Reinecke, que apara a dramaturgia, já que a comédia trafega numa escrita retilínea. Seis personagens com transtorno obsessivo compulsivo (Toc) se encontram num consultório iluminando a disfunção psicológica, pela qual inúmeras pessoas são afetadas pelo mundo. Amparado por humor rasgado, o texto alcança um viés reflexivo e gera empatia entre aqueles seres desorientados.

A direção de Reinecke acerta em explorar e amplificar àquelas situações inusitadas propostas por Baffie, desenhando com dinâmica oportuna a disposição do elenco, além de harmonizar seus atores, fixando o timing certo para desaguar o riso.

Os atores instauram uma contracena



Divulgação

A direção explora bem as situações inusitadas propostas pelo autor

muito bem apropriada, pela qual a audiência se deleita. Daniel Dantas, transportando suas experiências com Shakespeare, Tchecov, Albee, Pinter, entre outros, edifica seu Fred e a síndrome de Tourette com sapiência, revelando tiques convincentes e o patético, nos quais a personagem se afunda. André Gonçalves, com primorosa dicção e performance hilariante, conduz a plateia com extrema segurança, tamanho o seu talento

como comediante, além de instituir uma expressão corporal absolutamente teatral para o seu Vicente. A cena em que a personagem Maria responde que mora em Belfort Roxo e o taxista escorrega pela estante é um exemplo de como o ator brilha sem emitir uma palavra. Andréa Mattar, numa estranheza teatral, tira proveito de sua Branca, encontrando com eficiência o destempero daquela mulher obcecada por limpeza. Sara

Freitas é um contentamento só, brincando com extrema seriedade a repetição de palavras. Quando sua Lili precisa reiterar uma ideia, o palco se enche de graça/magia pela concentração e destreza da atriz. Claudia Ohana esboça sua Maria um pouco menos teatral, talvez pelo fato de ser religiosa, mas a montagem organiza um alicerce expandido e jocoso. E Miguel Menezes, sem força cênica e pouca emissão vocal, não define seu Bob, numa contramão da grande maioria.

O trânsito da encenação é facilitado pelo diretor e o produtor Sandro Chaim, que erguem um cenário alaranjado, de bom gosto, com quadro, janela e porta numa alusão as cores do arco-íris, em que o figurino de Danilo Barbieri dialoga na mesma diapasão, imbuídos no contexto. Renata Rainbow invade a cena com um clima azulado nas passagens de cena e descidas de climas, além de atenuar sua luz, auxiliando no alerta de que precisamos cuidar dos nossos distúrbios, muito além de nos divertirmos com eles.

SERVIÇO TOC TOC

Teatro dos 4 (Shopping da Gávea -Rua Marquês de São Vicente, 52)
Até 18/1, às sextas e sábados (20h) e domingos (19h)
Ingressos: R\$ 140 e R\$ 70 (meia)

NA RIBALTA

POR **AFFONSO NUNES**

Novos talentos

O Festival Você in Cena apresenta em novembro e dezembro, na In Cena Casa de Artes, em Botafogo, os trabalhos dos nove selecionados pelo edital “Você In Cena 2025”. A programação reúne monólogos, musicais, comédias e experiências sensoriais. Idealizado por Cella Bártholo e Patrício Terry, o projeto ofereceu aos contemplados direção artística, mentoria dramaturgic

e estrutura técnica durante o segundo semestre.

Paulo Aragon/Divulgação



Vantoen Pereira Jr/Divulgação

Sabedoria ancestral

Elisa Lucinda apresenta “O Princípio do Mundo” no Teatro I Love PRIO até o dia 30. Em cartaz durante o Mês da Consciência Negra, a montagem aborda o matriarcado e sabedoria ancestral. A dramaturgia estruturada em versos ue exalta a sabedoria dos mais velhos é assinada pela própria Lucinda e por Geovana Pires, da Companhia da Outra. O elenco conta com Gabriel Demarchi, que toca a harpa africana kamale ngoni.



Divulgação

Etarismo em questão

“O Casal Mais Sexy da América”, comédia de Ken Levine, está em cartaz, até o dia 23 no Teatro Clara Nunes, com Vera Fischer, Leonardo Franco e Vitor Thiré no elenco. A montagem nacional, dirigida por Tadeu Aguiar, já atraiu mais de 50 mil espectadores. A comédia aborda etarismo e desafios de atores maduros na indústria do entretenimento. A trama acompanha dois ex-astros de TV que buscam recolocação profissional após três décadas.

Tradição e reinvenção

Italiano Alessandro Sciarroni e a dupla braso-sueca Quarto se apresentam no MAM dentro da programação gratuita do Festival Panorama

O Museu de Arte Moderna (MAM) recebe neste fim de semana duas propostas cênicas que representam vertentes distintas da dança contemporânea internacional. O Festival Panorama, que desde 1992 se dedica a mapear as transformações da linguagem corporal, traz Alessandro Sciarroni, da Itália, e o projeto Quarto, colaboração entre o brasileiro Leandro Zapalla e a sueca Anna af Sillén de Mesquita, em apresentações gratuitas no sábado (15) e domingo (16).

Alessandro Sciarroni apresenta “Save The Last Dance For Me” em três sessões: sábado às 10h30 e 12h, e domingo às 15h. O trabalho investiga a Polka Chinata, dança de cortejo originária de Bolonha que sobrevive principalmente em contextos festivos e populares do norte da Itália. Concebido em colaboração com os dançarinos Gianmaria Borzillo e Giovanfrancesco Giannini, além do mestre de dança Giancarlo Stagni, o espetáculo propõe uma arqueologia coreográfica ao resgatar movimentos de giros acrobáticos e inclinações corporais que caracterizam essa tradição. A abordagem de Sciarroni, reconhecido por fundir conceitos duchampianos com práticas performáticas, circo e esporte, transforma o patrimônio cultural em material para reflexão contemporânea. O artista italiano, agraciado com o Leão de Ouro à Carreira em Dança pela Biennial de Veneza em 2019, construiu reputação internacional ao explorar obsessões e fragilidades humanas em trabalhos apresentados



Moving Landscapes

Divulgação



Save the Last Dance For Me

Raoul Gilibert/Divulgação

no Centre Pompidou e outras instituições de prestígio europeu.

Formado em Artes Visuais e Pesquisa Teatral, Sciarroni desenvolve há anos investigações sobre danças tradicionais em risco de desaparecimento, transformando-as em dispositivos para estabelecer relações empá-

ticas entre performers e público. Seus colaboradores neste projeto trazem formações que mesclam dança e dramaturgia: Borzillo, nascido em 1995 e graduado em Letras Modernas pela Civica Scuola di Teatro Paolo Grassi, recebeu menção especial da Biennale di Venezia por sua primeira obra autoral

em 2020. Giannini, formado na mesma instituição milanesa, acumula passagens por companhias de Dimitris Papaioannou e Ismael Ivo, além de parcerias com a coreógrafa Francesca Foscari.

No domingo às 15h30, o encontro entre Brasil e Suécia materializa-se em “Moving Landscapes”, instalação performativa site-specific assinada pela companhia Quarto. Baseados em Estocolmo mas com raízes brasileiras, Leandro Zapalla e Anna af Sillén de Mesquita desenvolvem desde 2018 pesquisas de longo prazo sobre relações de poder entre corpo e objeto. A peça utiliza um cubo metálico e plástico para criar coreografias que investigam vazio e espaço habitável, estabelecendo diálogos visuais com o Construtivismo Russo e a obra de Hélio Oiticica. O grupo, premiado com o Birgit-Cullberg stipendium em 2018, caracteriza-se pelo nomadismo entre diferentes contextos sociopolíticos e pela circulação em mais de vinte países.

A proposta do Quarto apresenta o cubo como arquitetura comunitária, transitória e em constante reinvenção. Essa abordagem, segundo o projeto artístico da dupla, inspira-se na lógica das favelas brasileiras, territórios onde a ocupação espacial responde a necessidades coletivas e produz soluções arquitetônicas orgânicas. A performance explora dimensões ecológicas da relação entre corpos e território, questão central nas pesquisas interdisciplinares desenvolvidas pelos artistas. A parceria entre o brasileiro e a sueca resulta em trabalhos que buscam gerar subjetividade por meio de experiências radicais, linha investigativa que tem rendido à companhia convites de instituições culturais europeias e latino-americanas.

O Festival Panorama completa três décadas de atuação como principal plataforma dedicada à dança contemporânea no Rio. Fundado em 1992, o evento foi pioneiro ao associar programação artística de ponta a ingressos populares, democratizando o acesso a linguagens experimentais. Ao longo dessas edições, consolidou-se como espaço de projeção para artistas brasileiros e latino-americanos, além de trazer criadores internacionais em diálogo com a produção local.

SERVIÇO

FESTIVAL PANORAMA 2025

SAVE THE LAST DANCE FOR ME

15/11 (10h30 e 12h) e 16/11 (15h)

MOVING LANDSCAPES

16/11 (15h30)

Museu de Arte Moderna (Parque do Flamengo) | Entrada franca

Vemviver + diversão

Alegria boa é aquela que se compartilha.

Aqui é assim e, por isso, oferecemos programações de recreação e lazer para todas as idades durante o ano inteiro. No Sesc RJ, tem arraiá, parque aquático, colônia de férias e diversos eventos para você curtir, conviver e aproveitar. Diversão aqui é levada a sério.

Vem viver o Sesc RJ.

VEM SABER +

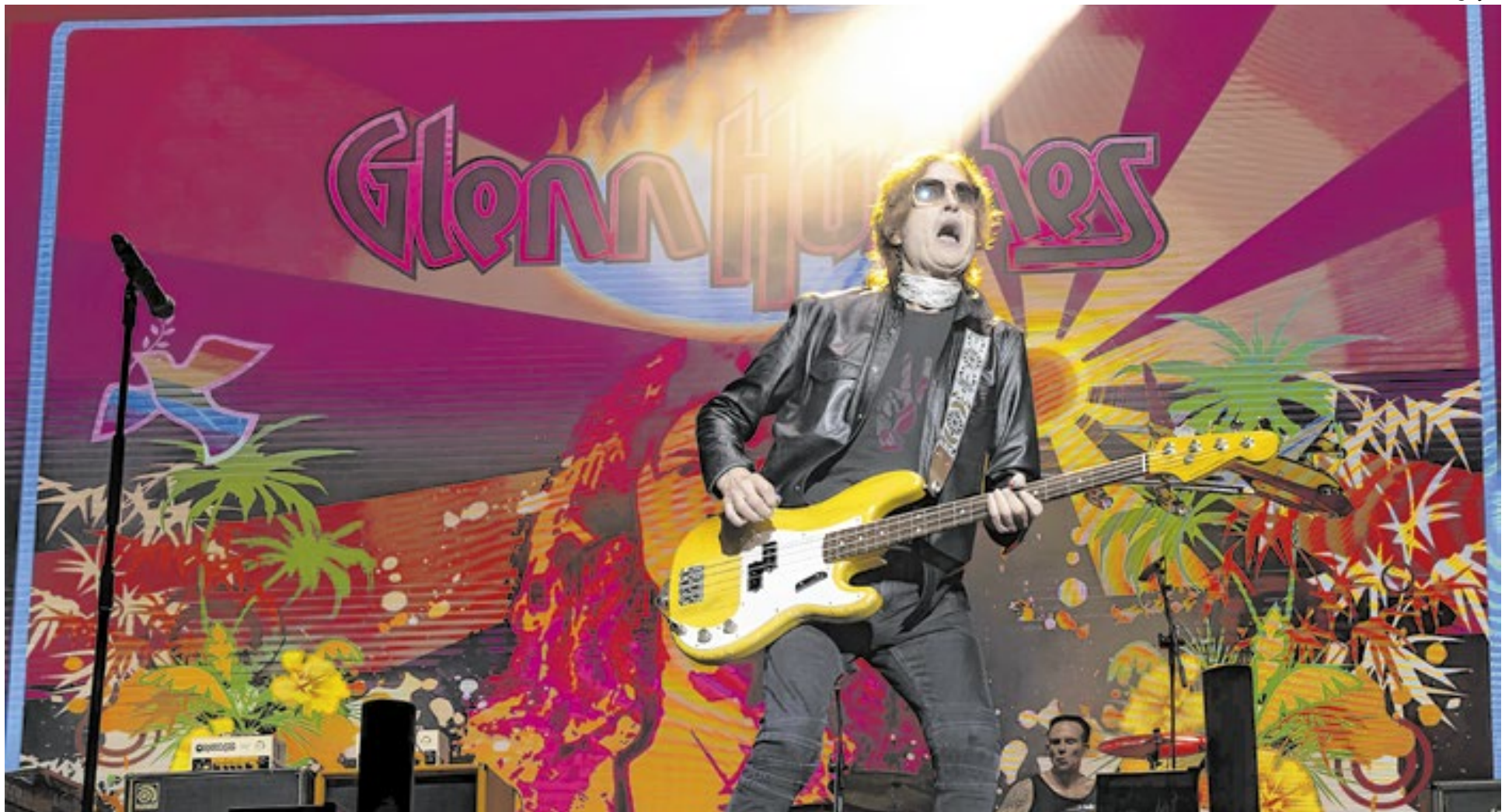


sescrj.org.br/diversao

portalsescrj sescrj sescrj



A maior marca
de bem-estar
social do RJ



Glenn Hughes passa pelo Brasil em sua turnê de despedida dos palcos

A saideira de uma lenda do rock

Baixista e vocalista que integrou Deep Purple, Glenn Hughes apresenta turnê final no Circo Voador

Por Affonso Nunes

Nesta sexta-feira (14) as lonas do Circo Voador se abrem para receber Glenn Hughes para uma das últimas apresentações de sua carreira. Aos 73 anos, o músico britânico encerra uma trajetória de mais de cinco décadas que o consolidou como uma das vozes mais potentes do rock mundial.

A turnê “The Chosen Years”

revisita os momentos marcantes da carreira de Hughes, que começou no final dos anos 1960 com a banda Trapeze, onde já demonstrava sua capacidade de mesclar rock, soul e funk. Foi essa versatilidade que chamou a atenção do Deep Purple em 1973, quando o músico e o vocalista David Coverdale ingressaram na formação conhecida como “Mk III” da banda. Durante três anos, Hughes contribuiu com sua voz distinta

e técnica no baixo para álbuns fundamentais do hard rock, como “Burn” e “Stormbringer”, ambos de 1974, e “Come Taste The Band”, de 1975, que trouxe elementos funkeros ao som do grupo.

Após deixar o Purple em 1976, Hughes seguiu colaborando com alguns dos maiores nomes do rock. Tocou com Tony Iommi, do Black Sabbath, participou do projeto Hughes/Thrall e, em 2009, formou o supergru-

po Black Country Communion ao lado do guitarrista Joe Bonamassa. A banda rejuvenesceu o rock clássico e atraiu nova audiência para o gênero. Mais recentemente, integrou os The Dead Daisies, além de manter uma prolífica carreira solo que explora desde o hard rock até territórios do soul e do funk.

Stevie Wonder já descreveu Hughes como seu cantor branco favorito. Além do talento artístico, Hughes se tornou símbolo de superação ao vencer batalhas contra vícios que marcaram parte de sua vida, transformando-se em referência de resiliência para seus admiradores.

O setlist da turnê de saideira do astro percorre todas as fases de sua carreira, de Trapeze aos projetos mais recentes, passando pelos clássicos do Deep Purple que moldaram gerações. Hughes já declarou publicamente seu apreço pelo público brasileiro, conhecido pela energia e paixão com que recebe artistas internacionais.

SERVIÇO

GLENN HUGHES - THE CHOSEN YEARS

Circo Voador (Rua dos Arcos, s/nº, Lapa) | 14/11, às 22h
Ingressos: R\$ 300 e R\$ 150 (meia)

Na intimidade do violão de Irma

Cantora franco-camaronesa traz ao Rio show solo com participação de Gabriel Grossi

Por Affonso Nunes

Neste mês da Consciência Negra, a cantora e compositora franco-camaronesa Irma é uma das atrações da programação espacial do Blue Note Rio. Ela apresenta nesta sexta-feira (14), às 20h e 22h30, o show “You and My Guitar”, que sintetiza os 15 anos de uma trajetória marcada pela construção de uma sonoridade própria entre o pop, o soul e a música acústica.

Nascida em Douala, capital econômica de Camarões, em 1988, filha de um guitarrista e de uma cantora de coro, Irma construiu sua carreira a partir de uma estratégia incomum para os padrões da indústria fonográfica: o YouTube.

Foi em 2007 que a artista começou a publicar covers acústicos na plataforma, em uma época em que o streaming ainda

engatinhava e o mercado musical passava por profundas transformações. A repercussão dos vídeos levou a um contrato com a gravadora francesa My Major Company em 2008, e, três anos depois, ao lançamento de seu primeiro álbum, “Letter to the Lord”, que trouxe os singles “I Know” e “Watching Crap on TV”. A sonoridade íntima e confessional desse disco inicial estabeleceu a marca estilística que Irma manteria ao longo dos anos: melodias emotivas sustentadas por arranjos despojados e letras introspectivas.

O segundo álbum, “Faces”, chegou em 2014 com participação do músico francês Matthieu Chedid, mais conhecido como -M-, expandindo as possibilidades sonoras sem abandonar a essência acústica. Nos últimos anos, a artista intensificou o ritmo de lançamentos: “The Dawn” (2020), “Douala Paris” (2022) e “The Sound of



Divulgação

Irma despontou para o sucesso a partir do YouTube

SERVIÇO

IRMA – YOU AND MY GUITAR

Blue Note
Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)
14/11, às 20h e 22h30
Ingressos a partir de R\$ 70

What We Are” (2023) consolidaram sua presença no circuito francófono. Em 2024, o EP acústico “Live from Paris” e os singles “House of Cards”, “Human Nature” e “Miss Celie’s Blues (Sister)” antecipam um novo álbum previsto para 2025.

No palco do Blue Note, Irma apresenta um formato minimalista que vem caracterizando suas apresentações recentes: apenas ela, seu violão, percussões e backing vocals

digitais. A proposta evidencia a força interpretativa da cantora, que assume também a direção visual de seus videoclipes. O show conta com participação especial do gaitista Gabriel Grossi, um dos principais nomes da gaita cromática no Brasil.

A turnê brasileira de Irma inclui ainda apresentações em Curitiba nos próximos dias, consolidando sua aproximação com o público sul-americano.

ROTEIRO MUSICAL

P O R A F F O N S O N U N E S

Reprodução



É das antigas

A Fundação Progresso recebe neste sábado (15) o Festival Baile das Antigas, evento com 12 horas de programação com repertório que atravessa quatro décadas da música carioca. Equipes tradicionais como Soul Grand Prix, Cash Box Di Humilde, Pisos e Castelo das Pedras comandam as pistas, dedicadas aos sons dos anos 70, 80, 90 e 2000.

Divulgação



Noite cubana

O Circo Voador recebe neste sábado (15), às 22h, show extra da Buena Vista Social Orchestra. A big band é formada por músicos originais do grupo cubano, sob direção de Jesus ‘Agüajé’ Ramos. O repertório traz clássicos do cancioneiro da Ilha como “Chan Chan” e “Dos Gardénias”. DJ AlexisBoco abre a noite com ritmos afro-caribenhos.

Maria Cau Levy/Divulgação



Novo álbum

Alberto Continentino apresenta nesta sexta (14), às 21h, no Manouche, o show de seu terceiro álbum “Cabeça a Mil e o Corpo Lento”. O baixista recebe Moreno Veloso, Domenico Lancellotti e Kassin. O disco, lançado pelo Selo Risco, tem sonoridade pop e inventiva, com participações de Ana Frango Elétrico e Dora Morelenbaum.

Raphaella Pessoa/Divulgação



Novíssima MPB

A cantora, violonista e compositora goiana Milla Tuli apresenta nesta sexta-feira (14), às 19h, no Audio Revbel, o show ‘Qui Nem Passarim’. Considerada uma das promessas da Nova MPB, a artista traz composições que exploram raízes e horizontes musicais, com voz aveludada e violão que transita entre o delicado e o arrojado.

Cacá Bernardes/Divulgação

SHOW

XICOTINHO & SALTO ALTO

*A dupla drag-country formada por Stella Miranda e Kátia Bronstein volta à baila 30 anos após agitar a cena cultural dos anos 1990. Sáb (15), às 21h. Manouche (Rua Jardim Botânico, 983). R\$ 160 e R\$ 80 (meia solidária, levando 1 kg de alimento não perecível ou livro)

NILZE CARVALHO E ANA COSTA

*A dupla comanda as terças-feiras de novembro do projeto Terças no Ipanema em show inédito que celebra o samba e a MPB. A cada noite, um convidado especial. Até 25/11, ter (20h) Teatro Municipal Ipanema Rubens Corrêa (Rua Prudente de Moraes, 824). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

TRIO ESPERANÇA

*Formado pelos irmãos Corrêa – Evinha, Mário e Marizinha –, o grupo Resgatando sucessos de sua trajetória como “Filme Triste”, “O Passo do Elefantinho” e “A Festa do Bolinha”. Sex (14), às 19h30. Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia). A partir de R\$ 50

LET’S BOWIE

*Pela primeira vez no Rio, a banda apresenta clássicos de David Bowie como “Rebel Rebel”, “Heroes”, “Let’s Dance”, “Modern Love” e “Ziggy Stardust”. Sáb (15), às 22h30. Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana). A partir de R\$ 60

VELUDO

*Nome respeitado da cena progressiva brasileira, o grupo comemora cinco décadas de trajetória com uma série de shows especiais e o lançamento do vinil “Veludo ao Vivo 1975”, que resgata uma das apresentações ao vivo mais icônicas da banda. Sáb (15), às 20h. Palácio da Música (Rua Buarque de Macedo, 87, Flamengo). R\$ 50 (antecipado) e R\$ 60 (na hora)

TEATRO

O MOTOCICLISTA NA GLOBO DA MORTE

*Eduardo Moscovis mostra neste solo, com texto de Leonardo Netto e direção de Rodrigo Portella, o tênue limite entre a civilidade e a barbárie. Até 14/12, qui a sáb (20h) e dom (19h). Teatro Poeira (Rua S. João Batista, 104, Botafogo). R\$ 120 e R\$ 60 (meia)



O Que Só Sabemos Juntos

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Cacá Bernardes/Divulgação



Xicotinho & Salto Alto

O QUE SÓ SABEMOS JUNTOS

*Depois de décadas consolidando carreiras paralelas, Tony Ramos e Denise Fraga finalmente dividem o palco pela primeira vez neste espetáculo com direção de Luiz Villaça. Até 30/11, sex e sáb (20h) e dom (17h). Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38 - Centro). Entre R\$ 25 e R\$ 200

A SABEDORIA DOS PAIS

*Natália do Vale e Herson Capri celebram 50 anos de carreira neste reencontro nos palcos em montagem de texto inédito de Miguel Falabella que expõe com sensibilidade o amor durante a maturidade. Até 14/12, qui a sáb (20h30) e dom (19h). Teatro Vannucci (Rua Marquês de São Vicente, 52 - Shopping da Gávea). R\$ 160 e R\$ 80 (meia)

Márcio Monteiro/Divulgação



Ana Costa e Nilze carvalho

Ricardo Martins/Divulgação



Museu da República

Ricardo Martins/Divulgação



Laura

LAURA

✳Solo biográfico, criado e interpretado por Fabrício Moser, reconstrói a história de sua avó materna, assassinada em 1982 em Cruz Alta (RS). Até 28/11, qui e sex (19h30). Sala Murilo Miranda (Teatro Glauce Rocha - Av. Rio Branco 179, 8º andar). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

EU DE VOCÊ

✳Neste solo dirigido por Luiz Villaça Denise Fraga pergunta o que seria de nós sem os poetas? E o que seria deles sem a vida comum? Situações corriqueiras ganham dimensão poética quando atravessadas por versos de Paulo Leminski, Tchekhov, Chico Buarque ou pelos Beatles Até 27/11, qua (20h). Teatro Riachuelo (Rua do Passeio, 38, Centro). Entre R\$ 25 e R\$ 160

Rafael Martins/Divulgação



Frans Krajcberg - Uma Semântica da Devastação

Dalton Valério/Divulgação



Raul Seixas, O Musical

RAUL SEIXAS, O MUSICAL

✳Bruce Gomlevski retorna aos palcos cariocas com sua premiada interpretação do Maluco Beleza, que revela as nuances de seu processo criativo. 15/11, às 20h. Teatro Glaucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde s/nº - Copacabana). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

MÃE DE SANTO

✳Monólogo baseado nas vivências da filósofa, escritora e professora Helena Theodoro e de outras mulheres, como a própria atriz que a interpreta, Vilma Melo, por meio de uma personagem muito empoderada. Texto de Renata Mizrahi e direção de Luiz Antônio Pillar. 15/11, às 20h. Teatro Glaucio Gill (Praça Cardeal Arcoverde s/nº - Copacabana). R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

EXPOSIÇÃO

FRANS KRANS KRAJCBERG - UMA SEMÂNTICA DA DEVASTAÇÃO

✳Mostra repune 38 trabalhos do pintor e escultor polonês que, já nos anos 1970, denunciava os riscos ambientais do planeta. Até 1/2, ter a sáb (10h às 20h), dom e fer (11h às 18h). Caixa Cultural (Rua do Passeio, 38). Grátis

O UNIVERSO LÚDICO E CRIATIVO DE DENEIR MARTINS

✳Exposição reúne 40 anos de uma criação de peças com materiais descartados. Até 3/12, ter a sex (10h às 18h) | sáb e dom (11h às 17h). Museu de Folclore Edison Carneiro (Rua do Catete, 179). Grátis

IRIDIUM

✳A ceramista Débora Mazloum apresenta suas “cerâmicas paramagnéticas”, criadas a partir de misturas de argila, metais ferrosos e magnetita. De 15/11 a 10/1, qua a sáb (12h às 17h). Abapirá (Rua do Mercado, 45 – Centro). Grátis

INFANTIL

RITINHA ROCK & ROLL - RITE LEE PARA CRIANÇAS

✳Oitavo trabalho do projeto “Grandes Músicos para Pequenos”, a montagem acompanha uma menina que sonha em transformar o mundo com o rock. A trilha inclui sucessos como “Lança Perfume” e “Jardins da Babilônia”. Até 16/11. Sáb e dom (16h). EcoVilla Ri Happy (Rua Jd. Botânico, 1008). R\$ 100 e R\$ 50 (meia)

EVENTO

65 ANOS DO MUSEU DA REPÚBLICA

✳Um dos mais importantes espaços culturais do país celebra sua história com programação gratuita que valoriza a consciência negra com shows ao vivo, exposições gratuitas, feira da economia criativa, artesanato e gastronomia. Sáb e dom (15 e 16), das 10h às 18h, nos jardins do Palácio do Catete. (Rua do Catete, 153). Grátis

FEIRA GASTRONÔMICA ZIRIGUIDUM

✳A Feira Hippie de Ipanema promove mais um encontro que une culinária e samba de raiz com DJs e apresentações ao vivo. Dom (16), a partir das 10h. Praça General Osório – Ipanema. Grátis

Nas asas de indignadas borboletas



Documentário da peruana Tatiana Fuentes Sadowski, premiado na Berlinale, leva à maratona cinematográfica do Egito o massacre dos povos indígenas pela indústria da borracha

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Não é todo dia que o Brasil abre um dos mais ilustres festivais de cinema do mundo, como foi o caso da projeção de “O Último Azul”, do pernambucano Gabriel Mascaro, no abre-alas da 46ª edição da maratona audiovisual do Cairo, na quarta-feira. Um toque do realismo mágico de DNA latino se espalhou pela terra dos faraós, que terá mais um gostinho das estéticas autorais sul-americanas neste fim de semana com a projeção de um ensaio documental peruano antes projetado (e premiado) na Berlinale, na Alemanha: “A Memória Das Borboletas” (“La Memoria de las Mariposas”), de Tatiana Fuentes Sadowski.

Um merecido Prêmio da Crítica e a menção honrosa do júri oficial de .docs do Festival de Berlim, recebidos em solo germânico, fevereiro passado, ampliou o futuro desta produção com forma experimental e espírito de denúncia. Exibido no DocLisboa há um mês, “A Memória das Borboletas” foi um dos destaques da Mostra de São Paulo de 2025. Numa alquimia de inquietudes, sua produtora, Isabel



A produtora Isabel Madueno Medina e a diretora Tatiana Fuentes Sadowski

Madueno Medina, e sua realizadora, antes conhecida por “La Huelga” (2012), apelam para a palavra “constância” para traduzir o requisito de quem sonha viver profissio-

nalmente de cinema em sua pátria. Só com empenhos constantes, na busca por apoios e fontes de materiais iconográficos ou audiovisuais planeta afora, elas foram capazes



‘Memória das Borboletas’ ganhou o Prêmio da Crítica na Berlinale por sua ousadia de linguagem

de tirar o longa-metragem – uma das mais comentadas da história recente das artes visuais peruanas – do papel.

“Ainda sofremos na demora dos fundos e lidamos com um estado que quer censurar temas, para evitar assuntos espinhosos”, explica Isabel Madueno Medina, que cuidou da produção.

A Berlinale, em sua 75ª edição, reconheceu os esforços de Isabel e de Tatiana, abraçando esse experimento documental como um dos achados da seção Fórum. É lá que nascem os filmes “inclassificáveis” na fricção sinestésica de texturas e sons. A expressão narrativa delas chega agora ao Cairo na mostra Panorama Internacional e carrega uma bandeira política – na forma de processar registros em Super-8 – ao abordar a violência histórica contra os povos indígenas peruanos. Pode-se dizer que o continente latino todo está refletido na forma como Tatiana processa símbolos ligados à extração da borracha na América do Sul.

“Os fantasmas que povoam o filme não são marcas da borracha, mas, sim, das elites que nos exploraram”, explicou Tatiana ao Correio da Manhã. “Algumas instituições nos cederam seus acervos de memória para a construção da narrativa, que queremos levar para as populações que integram o circuito de exploração que mostramos”.

A diretora teve sua atenção capturada por uma foto antiga de dois homens indígenas levados a Londres para serem “civilizados” por volta da virada do século XX. Seus nomes eram conhecidos – Omarino e Aredomi – mas pouco

ou quase nada se sabia sobre eles. Por isso, Tatiana sentiu-se compelida a se aprofundar no passado da dupla – e de sua pátria. O que faz em “A Memória das Borboletas” é desconstruir a história oficial do comércio extrativista e colonial borracheiro no fim do século XIX e início do século XX.

“Uma fotografia é um arquivo e todo arquivo é uma porta aberta para uma investigação, que não precisa de objetividade, mas se comporta como evidência”, diz Tatiana, que rodou o longa com um orçamento estimado em US\$ 180 mil. “Todo arquivo é um espectro”.

Ela compartilha seus achados sobre Omarino e Aredomi com os descendentes deles e filma suas intervenções. O êxito de “A Memória das Borboletas” em festivais na Europa – que atraiu a curadoria brasileira da Mostra – demarca a força documental peruana no planisfério cinéfilo. “O cinema da América Latina vive quando gera debate”, disse Isabel.

O 46º Festival do Cairo incluiu outro achado hispano-americano da Berlinale em seu Panorama: o argentino “A Mensageira” (“El Mensaje”), de Iván Fund. Um toque de fantasia sobrenatural assegura encantamento a esse road movie em preto e branco. O Prêmio do Júri que recebeu em telas berlineses comprovou o vigor de sua realização. Na direção Fund apela para a linguagem visual em P&B para criar uma narrativa de tintas fantásticas sobre uma menina com o dom de falar com animais mortos. O clima de sua vida não é de assombro, apesar do que a premissa sugere, mas, sim, de doçura.

Divulgação

Divulgação

Christian Petzold através do espelho



Grife autoral de maior ascensão da Alemanha hoje, o realizador promete arrebatá-la a plateia do Egito com 'Mirrors N° 3', reflexão sobre identidade que inflamou debates durante o Festival de Cannes

Hans Fromm Schramm

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Confirmado: certezas de excelência desenhadas desde sua passagem pela seleção de Cannes, em maio, "Mirrors N° 3" atropelou a Mostra de São Paulo, no mês passado, e agora cruza em plena velocidade autoral as estradas artísticas do Egito ao passar pelo 46º Festival de Cairo, em que se candidata ao posto de filme mais procurado pelo público. É comum isso acontecer a produções que levam a grife autoral do alemão Christian Petzold.

Seu novo longa-metragem virou um acontecimento estético em 2025. Várias mostras o querem, redes de TV o almejam e grandes plataformas digitais sabem seu potencial, sob a empolgação gerada na Quinzena de Cineastas da Croisette em suas primeiras exibições pelo planisfério cinéfilo. Seu apelo vem da assinatura criativa do artesão cinematográfico que vem renovando a indústria audiovisual germânica. Cults como "Em Trânsito" (2018) e "Fantasmas" (2005) são alguns de seus maiores acertos. Paula Beer, sua diva, é a estrela desse thriller de essência especular que o circuito egípcio acolhe neste sábado na sala Zamalek.

A atriz vive a estudante de piano Laura que se envolve em um acidente de carro no qual seu namorado morre. Milagrosamente, ela sobrevive ilesa ao desastre e é acolhida por uma família. Nesse clã, encontra conforto e apoio para



'Em 'Mirrors N° 3', de Christian Petzold, a misteriosa Betty (Barbara Auer) acelera nas curvas da confiança no convívio com Laura (Paula Beer)

Divulgação



retomar sua vida na figura da misteriosa Betty (Barbara Auer), mas, com o tempo, percebe que há algo errado com as pessoas que a receberam aos mimos. Suspeita-se de uma estranha transferência de expectativas em "Miroirs No.3" (seu título original).

"O afeto nos dá uma identidade de pertencimento", disse Petzold ao Correio num papo via telefone, durante a produção de "Afire" (2023), seu último longa, que ganhou, entre muitos troféus, o Grande Prêmio do Júri da Berlinale e a láurea de Melhor Filme no Festival de Pa-

lic, na Sérvia.

Nascido na cidade de Hilden, há 65 anos, ele iniciou em 1988 uma das carreiras mais sólidas de sua pátria entre realizadores que viraram grife. "Undine" (laureado com Prêmio da Crítica na Berlinale de 2020) e "Jericó" (indicado ao Leão de Ouro em 2008) consolidaram sua notoriedade como cineasta com verve de autor.

"Discutir identidade, a partir do cinema, é um processo antigo, que eu vejo até em Hitchcock", disse Petzold. "A Alemanha é um país assolado por uma culpa histórica que nos é imputada pelo que se passou durante o nazismo. Mas durante os bombardeios que se seguiram ao fim da II Guerra, em 1945, destruíram não só nossos prédios: acabaram com a nossa cultura, com a nossa moral e com a nossa ética. Acabaram com a nossa sensação de pertencimento. Eu faço parte

de uma geração de diretores que busca as histórias que construíram essa grande História em que nos rodeamos de fantasmas. Por isso, nos meus filmes, há personagens ausentes, pessoas que desaparecem, mas deixam seu espectro".

Embalado pelo hit "In My Mind", do grupo vienense Wallners, o novo longa de Petzold estreou no Brasil via Imovision. A distribuidora de Jean Thomas Bernardini foi responsável por trazer ao Brasil os cults anteriores desse artesão autoral germânico. Alguns deles foram lançados na grade da plataforma digital da distribuidora, o Reserva Imovision – e seguem por lá: "Phoenix" (2014), "Yella" (2007), "A Segurança Interna" (2000) e o já citado "Jericó". São longas que ilustram sua relação de intertextualidade com a literatura, que se depura a cada novo título. Um dos primeiros trabalhos dele a chegar aqui foi "Bárbara" (2012), que brilhou no início do ano no cardápio da mostra Bergamo Film Meeting, na Itália.

"Meu esforço é tirar a História de uma inércia arquetípica, é proteger os personagens do lugar comum, é fomentar uma nova perspectiva para a imagem", disse Petzold, em Berlim. "Num universo repleto de narrativas de pessoas que precisam se esconder e se reinventar, construído pelo cinema ao longo de décadas, o amor aparece como um norte para os personagens. Hoje, eu percebo o mundo à minha volta, e sua sensibilidade, pelos ruídos que ele produz. Quando um cineasta procura locais onde filmar, ele, de costume, preocupa-se com o visual e busca imagens de referência, confiando ao olhar o desenho de sua narrativa. Já eu, preciso ouvir o que esse lugar expressa, para que ele me conte sua história".

Vai ter celebração de autoralidade nas telonas do Cairo até o dia 22, quando o júri presidido pelo diretor turco Nuri Bilge Ceylan anuncia os ganhadores da competição oficial. Os badalados "Once Upon a Time in Gaza", de Tarzan & Arab Nasser (Palestina), e "Death Does Not Exist", de Félix Dufour-Laperrière (Canadá), integram a disputa pela Pirâmide de Ouro.

Imagens grávidas de esperança



‘Jovens Mães’ — que rendeu aos irmãos Jean-Pierre e Luc Dardenne o Prêmio de Roteiro em Cannes — leva às telonas do Cairo a maior grife autoral do cinema belga

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Segunda é dia de uma coqueluche belga assolar o Egito — não como praga, mas como promessa de um porvir esperançoso para a cinefilia: “Jovens Mães” (Jeunes Mères). Laureado em maio com o prêmio de Melhor Roteiro na edição de 2025 do Festival de Cannes, o novo trabalho autoral dos irmãos Jean-Pierre e Luc Dardenne — que já conquistaram a Palma de Ouro duas vezes, com Rosetta e A Criança — brilhou na Mostra de São Paulo, em outubro, e tem mais um pouso assegurado no Brasil. Esse candidato a sucesso de bilheteria, que comove plateias a cada nova sessão, vai integrar o Festival de Cinema Francês do Brasil. Outrora chamado Varilux, o evento ocorre de 27 de novembro a 10 de dezembro, em salas de projeção



Divulgação

‘Jovens Mães’ é um tratado sobre juventude e maternidade com a grife Dardenne

de todo o país.

Construído como narrativa coral (com vários núcleos de personagens), “Jovens Mães” parte de um centro de acolhimento para meninas que tiveram filhos na adolescência, seja por descuido com métodos contraceptivos, seja em

consequência de violência sexual.

“Cada menina em cena é uma vítima da ausência de afeto e do desajuste social, e a nossa ambição é retratar como elas se libertam dessa condição”, disse Luc em Cannes. “O cinema é feito de emoções, e tentamos retratar as gentilezas po-

tenciais.”

As jeunes mères do título são Jessica (Bebette Verbeek), Perla (a força da natureza Lucie Laruelle), Julie (Elsa Houben), Ariane (Janaina Halloy Fokan) e Naïma (Samia Hilmi). Cada uma enfrenta um conflito que passa pela

impossibilidade legal e financeira do aborto (nunca abordado por vieses moralistas ou religiosos) e pelas indelicadezas de seus responsáveis e companheiros. Ariane, por exemplo, lida com a mãe alcoólatra e o padrasto abusivo enquanto tenta dar seu bebê para adoção. Já Jessica tenta entender as razões de Morgane (vivida por India Hair) tê-la abandonado após o nascimento. Perla, por sua vez, enfrenta a irresponsabilidade do pai de sua criança, em meio a um contexto racista que a cerca. Nenhuma delas tem uma rotina leve. Tornaram-se mães por acidente. Umas amam essa condição; outras, não. No abrigo, encontram apoio e, mais do que isso, encontram-se — na aliança da sororidade.

“São mulheres que nos comovem”, disse Jean-Pierre.

Neste domingo, uma das atrações mais esperadas da competição oficial do Cairo — entre os 14 concorrentes à Pirâmide de Ouro de 2025 — é a produção marroquina “Calle Málaga”, de Maryam Touzani, com a diva madrilenha Carmen Maura. Ela vive María Ángeles, espanhola de 79 anos que mora sozinha em Tânger, no Marrocos, e aprecia sua rotina diária. No entanto, sua vida vira do avesso quando a filha chega de Madri para vender o apartamento onde sempre viveu. Determinada a ficar, María faz tudo o que pode para recuperar sua casa e seus pertences e, inesperadamente, redescobre o amor e a sensualidade.

Longa vida a Youssef Chahine

O cinema egípcio ganhou notoriedade no Brasil graças ao legado de Youssef Chahine (1926–2008), o diretor mais aclamado daquele país entre 1950 e 2007, conhecido entre nós por “O Destino” (1997) e “Alexandria... Why?” (Prêmio do Júri na Berlinale em 1979). Com cinco indicações à Palma de Ouro em seis décadas de carreira, Chahine abriu as janelas do mundo para as estéticas audiovisuais do Egito,

representadas nas produções de sua pátria que agora pedem passagem pelas telas deste Festival do Cairo.

Ele apostou em uma expressão cinematográfica que não evitava o narrativismo mais clássico nem fugia do melodrama. Nessa adesão a uma retórica cinematográfica dos anos 1950 — que perseguiu em seus trabalhos das décadas de 1990 e 2000 —, a tradição cultural dos povos árabes se faz notar poeticamente. Para



Divulgação

‘The Emigrant’ é um marco da carreira de Chahine que regressa à telona no CIFF neste domingo

honrar a glória de sua filmografia, o CIFF projeta, neste domingo, uma cópia restaurada de um de seus mais potentes trabalhos: “The Emigrant” (“Al-Mohager”), de 1994.

O roteiro acompanha os passos do andarilho Ram (Khaled Naba-wy), que deixa para trás a vida nômade de sua tribo beduína para buscar conhecimento no antigo Egito, uma terra consumida por intrigas e rivalidades políticas. Sua jornada espiritual e intelectual transforma-se em uma meditação sobre ambição e pertencimento em um mundo de intolerâncias. (R. F.)

Ao mestre, com carinho... da TV aberta

Emissora educativa, a TV Brasil faz jus à sua vocação ao escalar .doc de Nelson Pereira dos Santos para sua programação deste fim de semana, celebrando o legado do mítico diretor

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Celebrações do centenário de Nelson Pereira dos Santos (1928-2018) já estão sendo pensadas, em fricção para, daqui a dois anos, o pai do cinema brasileiro moderno ganhar um festejo que faça jus a um legado que não cessa de trazer alegrias ao país e a inspirar novas obras. Há três meses, quando publicou uma lista dos cem melhores filmes da década de 1970, a partir de uma enquete com uma esquadra global de críticos, a revista “IndieWire” escalou um único título nacional para seu Panteão... e Nelson foi o seu realizador: “Como Era Gostoso O Meu Francês” (1971). Em outubro, o Festival do Rio lançou o contagiante documentário “Amuleto”, dirigido por Heraldo HB e Igor Barradas, que resgata feitos autorais do realizador.

O .doc faz um resgate de “O Amuleto de Ogum”, que, 50 anos atrás, rendeu o troféu Kikito de Melhor Filme a Nelson, no Festi-



O mestre Nelson Pereira dos Santos em ação, na construção de uma obra que ocupa streamings e TV

val de Gramado. Esse cult também vem sendo citado por Kleber Mendonça Filho entre as influências cinéfilas de seu “O Agente Secreto”, o filme do momento em nosso circuito. Neste fim de semana, quem dá uma força – e tanto – na luta para o legado desse mestre que NPS foi se manter vivo – e acessível – é a TV Brasil. A emissora educativa que hoje ostenta uma invejável programação de longas-metragens (de Woody Allen a Selton Mello) vai exibir “A Luz Do Tom” (2013), neste sábado, às 16h. É o derradeiro trabalho do artesão que estreou por trás das câmeras com “Rio, 40 Graus”, em 1955.

Nesse canto do cisne de Nelson, a trajetória do maestro Tom Jobim (1927-1994) é contada por vozes femininas. O registro conta com relatos de três mulheres importan-

tes na vida do compositor: a irmã Helena Jobim e as companheiras Thereza Hermann e Ana Lontra.

“Exibir ‘A Luz do Tom’, documentário dirigido por Nelson Pereira dos Santos, em uma TV pública num sábado à tarde, tem um significado que vai muito além da programação cultural: trata-se de um gesto simbólico e político, que afirma o papel da comunicação pública na formação da sensibilidade coletiva, na valorização da cultura brasileira e na preservação da memória audiovisual do país”, explica a diretora de Conteúdo e Programação da Empresa Brasil de Comunicação (EBC), Antonia Pellegrino.

Roteirista e escritora, Antonia é a responsável pela renovação da grade (leia-se “alma”) cinéfila de um canal cujo propósito é fomentar a Educação. “Exibir ‘A Luz do Tom’

é uma possibilidade de reencarnar o cotidiano, além de permitir que o Brasil se veja e se escute e se reconheça — em sua luz, sua paisagem e sua música”, diz ela.

Antes dessa produção escalada por Antonia para a TV Brasil, Nelson dirigiu “A Música Segundo Tom Jobim”, que estreou no Festival de Cannes de 2012 e se desenha dramaturgicamente como se fosse uma carta de amor musical a um artista revolucionário que Nelson admirava.

“O Tom, para o Nelson, era a melhor expressão da alma brasileira”, explica o cineasta e poeta Luiz Carlos Lacerda, o Bigode, que foi assistente do diretor de “Vidas Secas” (1963) de 1966 a 1973. “Quando a TV Manchete foi inaugurada, (seu presidente) Adolfo Bloch convidou Nelson para realizar a linda

vinheta de abertura da emissora, que era uma logomarca de um M sobrevoando cidades brasileiras. Em seguida, Nelson dirigiu por lá um programa sobre música brasileira, ‘Bar Academia’. Foi aí que ele e o Tom ficaram muito amigos e surgiu a ideia que veio a se tornar esse par de documentários sobre o músico”.

Nos streamings, tem Nelson a rodo, começando por “Rio, 40 Graus” na Netflix. Já a Prime Video da Amazon tem em sua grade “Rio, Zona Norte” (1957) e “Brasília 18%” (2006).

“Tem uma demanda permanente pela obra do meu pai”, diz a produtora Márcia Pereira dos Santos, filha do cineasta e uma das guardiãs de sua obra. “Ele brincava que tinha uns 20 espectadores, mas que eram fiéis, pois assistiram seus filmes durante 50, 60 anos”.

Regina Filmes

ENTREVISTA / MARCELO QUINTANILHA, QUADRINISTA



Luciana de Oliveira/Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Quadrinista brasileiro de maior prestígio na Europa, no cenário das “bandas desenhadas” ou BDs (romances gráficos em álbuns de luxo), Marcello Quintanilha tem um lançamento a caminho das livrarias do Velho Mundo marcado para janeiro. “Eldorado” é a nova expressão das inquietudes de traço neorrealista do roteirista e ilustrador laureado com o troféu Jabuti por “Hinário Nacional” e por “Escuta, Formosa Márcia” - título ganhador ainda do troféu Fauve d’Or no Festival de Angoulême, na França.

O site da editora belga Lombard define da seguinte forma seu novo trabalho: “Brasil, anos 50. Em Duque de Caixas, Hécio e sua família vivem modestamente, mas com dignidade, graças à mercearia que têm. Mas ele e seu irmão Luiz Alberto sonham com um destino melhor. Luiz Alberto passa o tempo com a turma do bairro. Da pequena delinquência

‘As cidades são eixos dramáticos em si mesmas’

ao crime, há apenas um passo que o rapaz não hesita em dar. Hécio, por sua vez, almeja a realização definitiva, o verdadeiro Eldorado: uma carreira de jogador de futebol profissional”.

Inspirado livremente na vida de seu pai, Quintanilha se embrenha pelos balões do thriller. Na entrevista a seguir, o bamba das HQs, famoso também no cinema pela adaptação de seu cultuado “Tungstênio”, antecipa ao Correio da Manhã detalhes desse seu novo flerte com as tramas policiais.

O que esperar de “Eldorado” e de que maneira essa nova HQ expande a sua estética



Divulgação

neorrealista?

Marcello Quintanilha - Articular as premissas do neorrealismo em chave brasileira sem-

pre me interessou grandemente. “Eldorado” mergulha no mesmo universo de “Luzes de Niterói” e poderemos reencontrar vários de seus personagens, desta vez, envolvidos em uma trama policial. A história parte de acontecimentos reais, reinterpretados no campo da ficção, aliados a uma recriação do mito do filho pródigo no seio da classe trabalhadora, abrangendo 25 anos da vida brasileira, do início dos anos 1950, até meados dos anos 1970.

Qual é a Caxias que se encontra nesse novo trabalho e como a Baixada espelha um Rio de outrora?

A Caxias presente no livro é a que se configurou em minha mente enquanto ouvia os relatos do meu pai sobre a região. Trata-se de uma Caxias imaginária, que busca recuperar o efeito que produzia em mim ao ouvir a narração dos fatos nas ocasiões em que ele se dispunha a narrar fragmentos da sua vida. Este sentimento se conjuga com as diversas concepções dos subúrbios eternizadas na literatura brasileira, repositório de uma série de coisas e valores dos quais parecemos estar completamente desconectados, mas que, em última análise, estão intimamente ligados ao que entendemos hoje como sociedade brasileira.

Quais são as referências geográficas do seu quadrinho e de que maneira a sua obra assume cidades como (co)protagonistas?

Além de Caxias, a Niterói dos anos 1950, e o Nordeste do país, nos anos 1970. As cidades são eixos dramáticos em si mesmas, sobretudo quando se vive fora dos grandes centros, como aconteceu comigo durante tantos anos, e toda a mobilidade do indivíduo está condicionada a enclaves de deslocamento, como o cruzamento diário da Baía da Guanabara, por exemplo. Sob esta ótica, é impossível escapar a uma relação íntima, simbiótica, com o espaço urbano, que acaba se impondo na narrativa, reivindicando para si um rol de protagonismo do qual nunca abro mão.

O que o quadrinho ainda te representa como um espaço de surpresa e de invenção?

O quadrinho, como todas as outras linguagens, é um manancial inesgotável de manifestações e percepções, ao ponto de me ver constantemente obrigado a reaprender a desenhar — consequentemente, a narrar — a cada novo álbum, derivando em uma dinâmica de investigações e experimentações interminável. No caso de “Eldorado”, o retorno ao registro gráfico de “Luzes de Niterói” representou também uma dilatação desse conceito formal que seduziu de modo, digamos, peculiar.

CRÍTICA / LIVRO / TRISTE TIGRE

A sujeira embaixo do tapete

Por **Olga de Mello**

Especial para o Correio da Manhã

Quem nasceu no século 20 cresceu entendendo que o estupro era, em parte, culpa da vítima – e a roupa, a sensualidade, a vida. Imperdoável, no entanto, era o estupro de crianças. Com a mudança do conceito – vítima é vítima, não importa a idade – e a revelação de casos escabrosos, surgiram os livros-depoimentos aterrorizantes sobre a verdade incômoda, escondida por baixo do tapete. Um dos mais recentes a ser lançado no Brasil é “Triste Tigre” (Amarcord/Record, R\$ 69,90), que apresenta o estupro de vulnerável na literatura e trata do trauma de uma vítima, a escritora Neige Sinno, violentada pelo padrasto dos sete aos catorzes anos.

Há mais do que revolta e mágoa no texto de Neige, que somente contou à mãe o que aconteceu quando tinha 19 anos, depois de deixar a casa da família. Ambas o denunciaram à justiça e ele foi condenado a nove anos de prisão – uma pena reduzida porque o agressor reconhece sua culpa, admitindo ter estuprado continuamente a enteada. No entanto, observa a escritora, levar a público



Neige Sinno estava na Flip 2025 para lançar ‘Triste Tigre’

o incesto provoca constrangimento devido à divulgação de um crime que a sociedade tenta esconder. A punição recai também sobre a ex-mulher e os filhos. O descrédito inicial sobre o crime se transforma na censura à ex-mulher e ao silêncio da menina estuprada

por tanto tempo. A sociedade não condena apenas o agressor, mas quem sofre com o incesto e o abuso sexual, percebe a autora, hoje com 48 anos.

Não há detalhes dos atos impostos à menina, apenas algumas menções, contribuindo

para o incômodo causado por toda a leitura. Neige Sinno procura analisar aspectos psicológicos do agressor, como sua tranquilidade e certeza da impunidade, ao submeter a criança à sua vontade, enquanto os outros filhos e a mulher dormem em quartos próximos. A menina se angustiava, temendo que ele venha a abusar de sua irmã, também filha do primeiro casamento da mãe.

Rever esse passado doloroso é seu direito, ela informa ao leitor, ainda que volte a experimentar “a sensação de (...) uma coisa grave e terrível”, como quando se iniciou o abuso. O padrasto, recorda, falava “como um domador fala com um cavalo (...) que precisa ser controlado para não escapar”. É semelhante ao que descreve Virginia Woolf, entre outras escritoras também vítimas de estupro. Processar judicialmente o agressor não é fácil, exige precisão nas datas e descrições dos abusos, requisitos burocráticos que podem desanimar o acusador. Essas dificuldades seriam a maneira de varrer para baixo do tapete a inconveniente realidade da frequente quebra de um tabu, para a qual não existe explicação, apenas justificativas que procuram envolver as vítimas como motivadoras inconscientes de um crime. A abordagem contundente – e extremamente pessoal, sem esclarecimentos científicos – de Neige Sinno recebeu diversos prêmios literários, entre eles o Strega Europeu, o Goncourt des Lycéens e o Femina.

NA ESTANTE

POR OLGA DE MELLO

LENDO LOLITA EM TEERÃ

Os encontros secretos de oito mulheres para discutir literatura de língua inglesa na casa de uma professora, no Irã dos talibãs, fez desta obra um best-seller traduzido em 32 idiomas. Em 1995, Azar Nafisi convidou algumas de suas ex-alunas na universidade a retomarem as aulas sobre romances clássicos que suscitam observações sobre as semelhanças das vidas ficcionais com o cotidiano do grupo sob uma política altamente repressora. O controverso “Lolita”, diz a autora, não scandalizaria a sociedade iraniana pelo relacionamento entre um adulto e a enteada de 13 anos. (Record, R\$ 89,90)



Divulgação

COM AMOR, MAMÃE

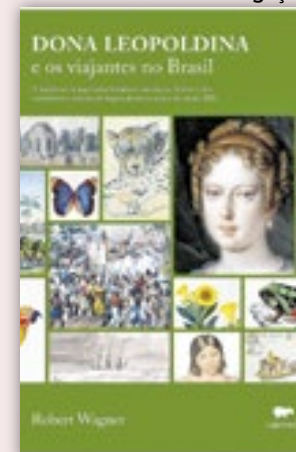
O livro da norte-americana Iliana Xander é um daqueles thrillers cujas surpresas são mais do que aguardadas, porém prendem o leitor até o final. Quase um romance teen, tem como protagonista a jovem MacKenzie, filha de uma escritora de livros de mistério e de um alcoólatra que vive às custas da mulher. A morte suspeita da mãe, que teria sido vítima de um obscuro acidente doméstico, leva a garota a procurar saber mais sobre o passado dos pais, que pouca atenção deram à sua criação. Ao lado do melhor amigo, ela vai procurar quem conheceu o casal há mais de 20 anos. (Intrínseca, R\$ 59,90)



Divulgação

DONA LEOPOLDINA E OS VIAJANTES DO BRASIL

O historiador Robert Wagner traz a saga das expedições de naturalistas e artistas europeus ao interior de um território selvagem da colônia transformada em reino e em império com o estabelecimento da família real portuguesa no continente. O novo mundo tropical é retratado por Spix, Martius, Thomas Ender e Natterer, entre outros, que vêm ao país a convite de Leopoldina, a mulher de Pedro I. Narrado em tom de aventura, o livro tem uma edição primorosa, com 300 ilustrações da época e reproduções de documentos raros. (Capivara, R\$ 140),



Divulgação

Tomas Vélez/Divulgação



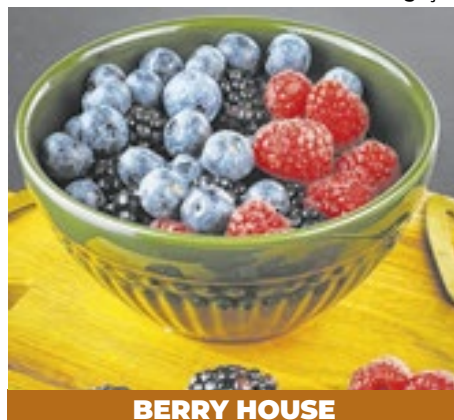
DIANNA BAKERY

Divulgação



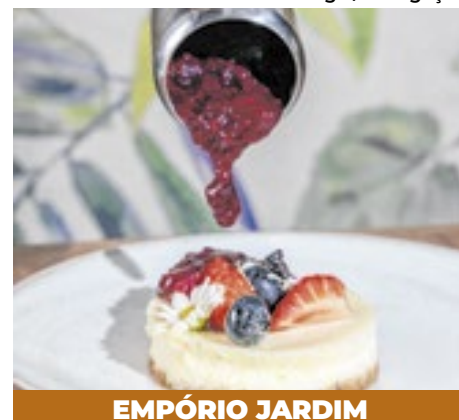
POBRE JUAN

Divulgação



BERRY HOUSE

Tomás Rangel/Divulgação



EMPÓRIO JARDIM

Divulgação



SIN PATISSÉRIE

Tomas Vélez/Divulgação



ATELIER DOS SABORES

Quanto mais berry melhor!

Das sobremesas aos drinks, aprecie o maravilhoso universo das frutas vermelhas

Por **Natasha Sobrinho** (@restaurants_to_love) Especial para o Correio da Manhã

As frutas vermelhas seguem em alta e viraram ingredientes protagonistas na gastronomia. Morango, mirtilo, amora e framboesa aparecem em sobremesas como cheesecakes, tortas, sorvetes e cookies, além de inspirarem drinks autorais. O movimento é tão forte que já existem lojas especializadas no universo dos berries. Versáteis, saudáveis e cheios de frescor, os pequenos frutos são a grande tendência na gastronomia carioca. Abaixo confira a seleção de receitas nas casas cariocas que o Correio da Manhã preparou para você:

ATELIER DOS SABORES - A boutique de doces acaba de lançar a Torta Morango Flocado (R\$ 25,90- fatia e R\$ 197 -torta inteira), preparada com uma fina camada de pão de ló branco, coberta com morangos picados e creme maravilha, e finalizada com chantilly batido com geleia de frutas vermelhas e farofa red. Rua Hilário de Gouveia, 88 - Copacabana. Tel: (21) 97398-7871.

BERRY HOUSE - O primeiro e-commerce de berries do país e canal online da Berry Good, acaba de inaugurar sua primeira loja física, no Leblon. Entre os produtos oferecidos estão: o kit duo favorito (R\$ 160) com três potes de amora e três potes de framboesa (com 80g cada). Já o Kit Degustação Morango (R\$ 105) acompanha dois potes de

morango (250g os dois), um pote de mirtilo (125g), um pote de amora (80g), um pote de framboesa (R\$80g) e um pote de physalis (100g). Rua Juquía, 61 - loja R, Leblon. Tel: (11) 97886-2258.

BURRR - Na sanduicheria que acaba de abrir no Leblon, as bebidas também chamam a atenção como o chá mate da casa com frutas vermelhas (R\$ 23 - 500 ml). Av. Ataulfo de Paiva, 458, Leblon. Contato: @_burrr.

DIANNA BAKERY - A casa comandada pela chef confeitadeira Dianna Macedo, oferece em seu menu o Sorbet de frutas vermelhas (R\$ 28) com farofa doce crocante. Rua Dona Delfina, 14 - Tijuca. Tel: (21) 3129-7006.

EMPÓRIO 1839 - Entre as opções de comidinhas oferecidas no espaço, que fica dentro da Casa Horto está o Berry Bowl (R\$ 44) iogurte grego, granola da casa, berries frescas, chia e mel. Rua Pacheco Leão, 696 - Jardim Botânico. Tel: (21) 93618-6310.

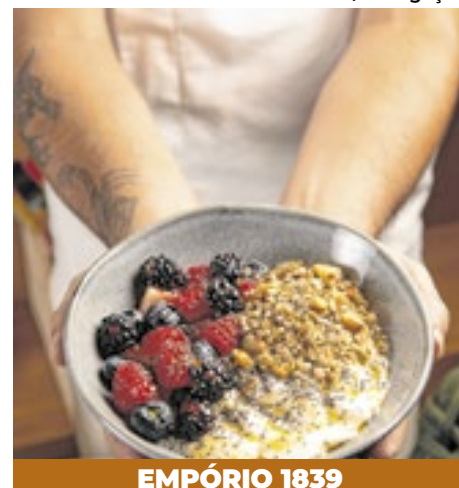
EMPÓRIO JARDIM - Uma das novidades do menu da casa, criado pela chef Paula Prandini, é a Cheesecake com calda de frutas vermelhas (R\$ 29,90). Rua Guilhermina Guinle, nº 211 - Botafogo. Contato:@emporiojardimrio

POBRE JUAN - Na carta de drinks da casa o comensal pode encontrar o Juan Rouge (R\$ 41). Um drink sem álcool

com cítricos, frutas vermelhas, canela, manjeriço, gengibre e tabasco. Av. das Américas 3900, loja 301 - Barra da Tijuca. Tel: (21) 3252-2637.

SIN PATISSERIE - Tem novidade saindo do forno. O sabor do mês chega em grande estilo: ChocoBerry (R\$ 33), um cookie que equilibra intensidade e frescor em cada mordida. A base de chocolate intenso encontra a doçura da geleia de morango, finalizada com uma camada crocante de granola para dar textura e personalidade. Disponível por tempo limitado, somente durante o mês de novembro. Rua Marques de São Vicente, 124 -loja 115 - Gávea Trade. Tel: (21) 97580-3700.

Nubra Fasari/Divulgação



EMPÓRIO 1839

Tomas Vélez/Divulgação



BURRR

Mapa de acessibilidade

Cartilha orienta artistas sobre como democratizar suas obras

Por Mayariane Castro

A Trupe por Um Fio lançou a cartilha digital “Acessibilidade Cultural: teoria e prática para uma inclusão real”, disponível gratuitamente na internet. O material reúne informações conceituais, orientações técnicas e referências legais sobre como promover acessibilidade em projetos culturais. O conteúdo pode ser acessado pelo link na bio do perfil da companhia no Instagram, @trupeporumfio.

O guia foi elaborado pelos pesquisadores Patrícia Tuxi e Virgílio Soares da Silva Neto, da Universidade de Brasília (UnB), ambos especialistas em acessibilidade linguística e cultural. A iniciativa integra o projeto “Produção, música e teatro – Inclusão e formação artística”, desenvolvido com apoio



Caren Henrique

Cartilha é fruto de oficinas que a trupe desenvolveu para discutir inclusão

Difusão de cultura inclusiva

Trupe por um Fio une trabalho artístico com formação técnica

O documento também apresenta um roteiro de planejamento voltado ao setor cultural. O guia orienta sobre adequações de orçamento, capacitação de equipes, divulgação acessível, uso de tecnologias assistivas e participação de pessoas com deficiência no desenvolvimento das ações. O objetivo é incentivar a criação de produtos e eventos culturais que garantam acesso equitativo aos diversos públicos.

A cartilha defende a acessibi-

lidade como um direito fundamental e como parte integrante das políticas culturais. Segundo os autores, a iniciativa busca preencher uma lacuna na formação de profissionais da cultura, oferecendo material de apoio que possa ser aplicado em contextos diversos, de teatro e música a museus, festivais, cinema e eventos comunitários.

Oficinas

O lançamento do material marca o encerramento das ati-



Caren Henrique

Além da arte, conhecimento compartilhado

vidades do projeto “Produção, música e teatro – Inclusão e formação artística”, realizado ao longo de 2025 em Planaltina (DF). O projeto teve duração de 84 horas formativas e envolveu cerca de 30 jovens entre 13 e 21 anos, divididos em duas turmas de música, teatro e circo.

As oficinas foram realizadas no Complexo Cultural de Pla-

naltina, em 21 encontros presenciais por turma. As atividades combinaram teoria e prática e incluíram aulas de ritmo, melodia, harmonia, interpretação teatral, composição de cenas, sonoplastia e integração entre corpo e som. O processo formativo priorizou a colaboração, a acessibilidade e o protagonismo juvenil, com acompanhamento

do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC/DF), da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Governo do DF.

A proposta da cartilha é fornecer ferramentas de referência para artistas, produtores, gestores culturais e estudantes interessados em tornar seus trabalhos mais acessíveis. O conteúdo foi estruturado de forma didática, com base em princípios de legislação cultural e direitos humanos, e aborda diferentes dimensões da acessibilidade, incluindo as esferas física, comunicacional, atitudinal e digital.

Entre os tópicos abordados, o material descreve métodos de adaptação de espaços culturais, orientações sobre linguagem acessível e estratégias de comunicação inclusiva.

pedagógico e orientações sobre produção cultural inclusiva.

De acordo com a coordenação da Trupe por Um Fio, a cartilha representa o legado educativo do projeto e pretende servir como instrumento de referência para iniciativas futuras. A expectativa é que o material seja utilizado em escolas, coletivos artísticos e instituições culturais interessadas em desenvolver ações com foco em acessibilidade e inclusão social.

Por um Fio

A Trupe por Um Fio atua há mais de uma década com projetos de formação e difusão artística em comunidades do Distrito Federal, com ênfase em circo, teatro e educação cultural. Suas atividades incluem oficinas, espetáculos e publicações que buscam integrar arte e cidadania. Com a publicação da cartilha, o grupo amplia sua atuação na área de formação técnica e difusão de conhecimento.

PROJETO

Calendrag 2026 é lançado no DF

*O Calendrag, uma das mais importantes publicações da cultura LGBTQIA+ brasileira, lança sua 9ª edição no dia 18 de novembro, às 19h30, no Teatro dos Bancários, em Brasília. Criado pelo coletivo Distrito Drag, o Calendrag 2026 tem como tema “Inteligência Artificial – Qual o Nosso Futuro?” e apresenta artistas de vários estados. A capa traz Ruby Nox, vencedora do Drag Race Brasil. A nova edição mistura arte, fotografia e tecnologia para refletir, com humor e crítica, sobre o impacto da IA na sociedade.

Feira de pets

*O Liberty Mall será tomado pelo clima natalino e pelo amor aos animais com o evento Viva Pets, que acontece de 12 a 15 de novembro. A programação inclui uma feira com expositores de produtos, serviços e gastronomia voltados ao bem-estar animal, além de destacar a adoção responsável. Nos três primeiros dias, o público poderá conferir novidades do universo pet, e o encerramento, no dia 15, contará com a Feira de Adoção e o Desfile de Moda Pet, reunindo tutores e seus companheiros em um momento de afeto e diversão.

TEATRO

Homens que nunca conheci

*O livro local Homens que nunca conheci, da autora brasileira Máira Valério, ganha adaptação teatral pelo Grupo Liquidificador. A montagem, fruto da oficina Teatro Elétrico, reflete com humor e crítica sobre a masculinidade. O espetáculo será apresentado de 27 a 30 de novembro, no Teatro Mapati, com entrada gratuita e sessões acessíveis em Libras e audiodescrição.

“Um Precipício no Mar”

*O espetáculo “Um Precipício no Mar”, com Ângelo Antônio e direção de Gabriel Fontes Paiva, estará no Distrito Federal, na Caixa Cultural DF, de 20 a 23 de novembro de 2025. Escrita por Simon Stephens, a peça aborda paternidade, fé e masculinidade com sensibilidade. Indicado ao Prêmio Shell, tem trilha de Luísa Maita e Ori Lab Music. as sessões são de quinta a sábado, 20h; domingo, 19h. Ingressos: R\$30/R\$15, no site bilheteriacultural.com.br. Classificação: 12 anos.



Com performances de drag queens, lançamento é no dia 18 de novembro no Teatro dos Bancários

Um DF de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

POR: REYNALDO RODRIGUES / CORREIOCULTURALDF@GMAIL.COM

Divulgação



Reflexão tragicômica sobre a masculinidade em cena

“Os Irmãos Timótheo da Costa”

*O musical Os Irmãos Timótheo da Costa estreia no CCBB Brasília em 20 de novembro, Dia da Consciência Negra, e segue até 7 de dezembro. Dirigido por Luiz Antonio Pilar, o espetáculo homenageia os artistas negros João e Arthur Timótheo da Costa, pioneiros das artes plásticas, apagados pelo racismo. Ingressos: R\$ 15 e R\$ 30. O uso de recursos do audiovisual no espetáculo de teatro.

‘Outro Lear’

*Após turnê em Portugal, o espetáculo Outro Lear retorna a Brasília para três apresentações nos dias 14, 15 e 16 de novembro, no Teatro Sesc Silvio Barbato. A montagem, dirigida por Roni Sousa, revisita Rei Lear, de Shakespeare, em um monólogo protagonizado por

Divulgação



“Catadoras” no Cine Brasília

Divulgação



Exposição Interativa Fantástico Cuir



Vetores-Vertentes

Humberto Pedrancini, que reflete sobre envelhecimento, memória e solidão. A entrada é gratuita no sábado e custa R\$ 20 nas demais sessões. Nos dias 18 e 19, os artistas promovem a oficina gratuita “Corpo, Voz e Memória: o Ator em Cena”.

EXPOSIÇÃO

Exposição Interativa Fantástico Cuir
*De 15 de novembro a 15 de dezembro de 2025, o Espaço Cultural Renato Russo recebe a exposição Fantástico Cuir, que reinventa personagens de contos de fadas sob novas identidades, corpos e afetos LGBTQIAPN+. Com obras táteis, trilhas sonoras e intérprete de Libras, a mostra celebra diversidade e inclusão. Depois de Brasília, segue para Taguatinga e Ceilândia. Entrada gratuita.

Renato Mangolin



Peça “Um Precipício no Mar”

Divulgação



“Os Irmãos Timótheo da Costa”

Vetores-Vertentes

*O público tem até 2 de novembro para visitar a exposição “Vetores-Vertentes: Fotografias do Pará”, no CCBF Brasília. A mostra gratuita reúne 170 obras de 11 fotografias paraenses, sob curadoria de Sissa Aneleh, e propõe um olhar feminino sobre a Amazônia. Há experiências imersivas como a Instalação Aromática Icamíabas e o filme em realidade virtual Mukatu’hary (Curandeira). Entrada gratuita em bb.com.br/cultura. A exposição é patrocinada pelo Banco do Brasil.

MÚSICA

“Tardezinha do Samba vai à Escola”
*O projeto “Tardezinha do Samba vai à Escola” leva às instituições públicas de Ceilândia uma programação que une

educação, cultura e identidade negra, com palestras, rodas de conversa, cinema e jogos digitais. A iniciativa, apoiada pela Fundação Palmares, integra o Mês da Consciência Negra e promove uma formação contrarcolonial inspirada em Nego Bispo, valorizando saberes periféricos e afro-brasileiros. Gratuito, o projeto ocorre durante todo o mês de novembro de 2025.

“África é nós”

*O projeto “África É Nós” acontece de 10 a 18 de novembro no Centro Educacional 08 do Gama, celebrando o Mês da Consciência Negra. Criado por jovens afro-brasileiros e africanos, o projeto promove a educação antirracista, a autoestima e o protagonismo negro nas escolas públicas.

FESTIVAL

Festival Bôsénimi

*De 25 a 30 de novembro, Brasília recebe o Festival de Música Indígena Bôsénimi, no Espaço Cultural Infinu e na Casa Bahsakewií, no Noroeste. “Bôsénimi”, em dahseé (Tukano), significa “celebração, grande festa”, e inspira o encontro entre povos e culturas. A programação reúne artistas indígenas, feira de artesanato, filmes, oficinas e vivências com saberes tradicionais, exaltando a arte, a língua e a resistência dos povos originários. Entrada gratuita.

FESTin

*O premiado documentário “Catadoras” será exibido gratuitamente no Cine Brasília, no dia 16 de novembro, dentro da programação do Novembro Negro. Dirigido por Dayse Porto, o filme retrata a trajetória de quatro mulheres catadoras de materiais recicláveis em diferentes cidades do país, revelando histórias de luta, resistência e sustentabilidade. A produção, realizada por mulheres, celebra a força feminina e o protagonismo na economia circular.

Bar em Bar

*Até o dia 30 de novembro, Brasília entra em clima de boteco com a 19ª edição do Festival Bar em Bar. Com o tema “A cidade inteira cabe no bar”, o evento reúne cerca de 40 estabelecimentos em diferentes regiões do DF, com petiscos exclusivos, preços acessíveis e muita criatividade, celebrando sabores, encontros e a alma boêmia da capital.

Divulgação

Atos de fé e dança

Companhia Transições discute o que move a pessoa em espetáculo no Teatro Nacional

Por Mayariane Castro

A Companhia de Dança Transições, sediada em Planaltina (DF), estreia o espetáculo “Atos de Fé: o que te move” no dia 15 de novembro, no Teatro Nacional Cláudio Santoro, em Brasília.

A apresentação ocorrerá às 15h e 20h, na sala Martins Pena, com ingressos a R\$ 30 (inteira) e R\$ 15 (meia-entrada), incluindo

a opção de meia solidária mediante doação de um quilo de alimento não perecível. A classificação indicativa é livre.

A estreia marca uma nova etapa na trajetória da companhia, que completa dez anos de atividades. Criado em 2014, o grupo reúne artistas da capital e do entorno e atua com cerca de 25 integrantes entre bailarinos e profissionais da cena.



Que ato de fé move o ser humano? Essa a proposta do espetáculo

O espetáculo propõe uma reflexão sobre as forças que movem o ser humano no cotidiano.

A montagem aborda temas como medo, fome, desamparo, pobreza, miséria, violência e ausência de afeto, articulando essas expe-

riências com o conceito de fé, entendida como impulso para lidar com as adversidades da vida.

A direção artística é de Leandro Lira, fundador da companhia, que também coordena o processo criativo. O espetáculo

foi desenvolvido de forma colaborativa, com cocriação dos bailarinos, a partir de relatos pessoais e entrevistas conduzidas durante o processo de pesquisa. Esse material serviu como base para a dramaturgia corporal da obra.

Reconexão com a cultura popular

Proposta une a tradição brasileira à dança contemporânea

“Atos de Fé: o que te move” é o quarto espetáculo de cinco produzidos pela Transições. O grupo já apresentou “As faces de um povo centenário” (2015–2017), “Atos contemporâneos” (2020), “Na pegada popular no coração do Brasil” (2021) e “Severino e Silva” (2023).

Cada produção tem explorado aspectos distintos da cultura popular e das relações humanas, mantendo o foco na pesquisa de movimento e no diálogo entre o corpo e o território.

A companhia foi criada com o objetivo de resgatar elementos da cultura popular brasileira e conectá-los a linguagens contemporâneas da dança.

Em sua atuação, o grupo busca valorizar a diversidade cultural e promover o diálogo entre diferentes estéticas.

Além da criação artística, a Transições mantém ações formativas e de fomento à dança em Planaltina, voltadas à formação de jovens artistas e atenção social à comunidade local.



Divulgação

Companhia une o popular à dança moderna

Desafios

A atuação fora dos grandes centros culturais é um dos desafios da companhia.

Em Planaltina, a Transições desenvolve suas atividades com recursos limitados e enfrenta dificuldades relacionadas ao acesso a políticas públicas de cultura, formação técnica e visibilidade

nacional. O trabalho do grupo se baseia em estratégias de colaboração entre artistas locais e na busca por espaços de circulação para suas criações.

Referência

O espetáculo integra o esforço da companhia em consolidar-se como referência regional em

dança contemporânea, utilizando a arte como ferramenta de formação e transformação social. A montagem também representa uma tentativa de ampliar a presença da produção artística periférica nas principais salas da capital federal.

Com a estreia, a Transições reforça sua proposta de integrar arte, identidade e território em suas produções.

A companhia pretende manter a circulação do espetáculo em outras cidades do DF e entorno, como Sobradinho, Ceilândia e Planaltina, e inscrevê-lo em editais e mostras nacionais de dança contemporânea ao longo de 2026.

O Teatro Nacional Cláudio Santoro, localizado no Setor Cultural Norte, Brasília (DF), sedia o evento como parte de sua retomada gradual de atividades. A escolha da Sala Martins Pena reflete o compromisso do grupo em ocupar espaços de relevância simbólica na cena cultural do Distrito Federal.

#cm
2
FIM DE SEMANA

Calendrag 2026
une arte drag
e inteligência
artificial

PÁGINAS 8 E 9



Cartilha ensina
a tornar a
cultura acessível
a todos

PÁGINA 5



Companhia
estreia
espetáculo
“Atos de Fé”

PÁGINA 16



Priscila Prade/Divulgação

Avôhã, Zé da Paraíba!

Musical que celebra 45 anos de carreira do bardo,
‘Admirável Sertão de Zé Ramalho’ chega ao Rio. **Página 2**

Por Lanna Silveira

A partir deste fim de semana, o Teatro Gacemss recebe o XXVI Festival de Teatro Arte em Cena, promovido pela Cia. Arte em Cena. As apresentações terão entrada de 25 reais e oferecerão um repertório extenso de narrativas para todos os públicos.

O Bem Amado

15/11 - 19h30

A peça reinterpreta a obra “O Bem-Amado”, de Dias Gomes, transformando-a em um retrato cômico e provocador sobre o poder, a hipocrisia e a humanidade. Na fictícia cidade de Sucupira, o recém-eleito prefeito Odorico Paraguaçu sonha em cumprir sua promessa eleitoral de inaugurar o novo cemitério da cidade., enfrentando um obstáculo: ninguém morre em Sucupira. Entre intrigas e artimanhas políticas, a trama traz à tona as contradições entre a moralidade, a fé e os desejos ocultos de uma cidade viva e pulsante.

Entre Contos e Encantos

16/11 - 19h

O espetáculo retrata um universo de fantasia, demonstrando os bastidores dos contos e encantos de reis e rainhas, príncipes e donzelas, além de bruxas assustadoras. Em meio a personagens que se perdem em meio a julgamentos motivados pelas aparências, a peça demonstra que nem tudo que reluz é ouro.

Obediência Cega

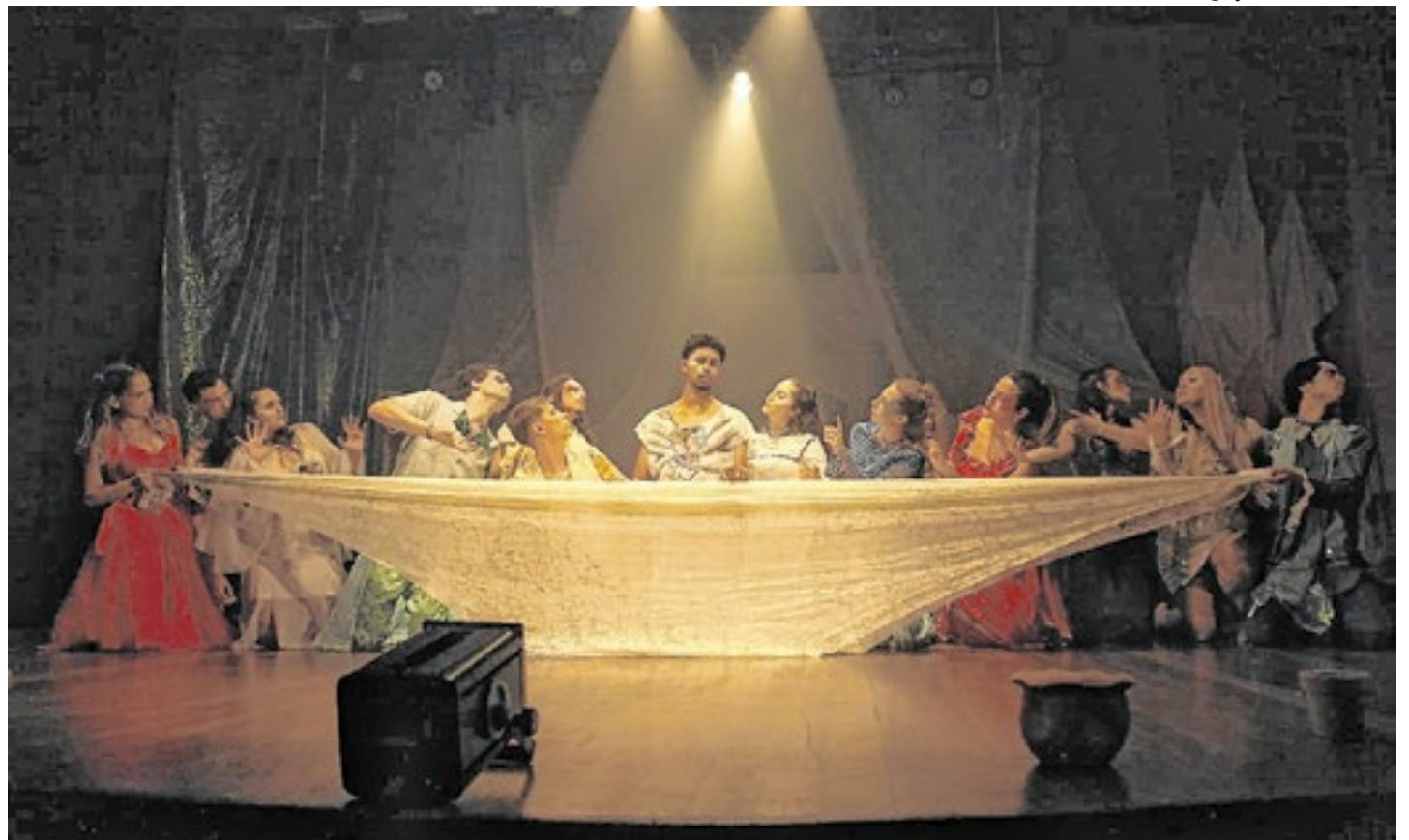
19/11 - 19h30

O espetáculo surge como uma denúncia a medicalização da vida. Os personagens demonstram a obediência passiva de uma população que aprende a engolir comprimidos em vez de buscar por respostas e soluções. Por meio de uma narrativa que demonstra o quanto a normalidade se manifesta por meio de uma paz fabricada pelo uso de remédios, “Obediência Cega” pede pela cura de uma sociedade que teme o pensamento livre.

Escola de Bruxos e Mensagem Secreta

20/11 - 18h

(Escola de Bruxos): A peça, inspirada em “Harry Potter”, conta a história de uma escola onde o poder pesa mais que a magia. Seu diretor, Anakton, é um senhor de mandos e desmandos, que reina sem saber o que é amar. Os alunos desta



Espectáculos serão apresentados durante o mês de novembro no Teatro Gacemss 1

Arte cênica em Volta Redonda

Veja a programação do Festival de Teatro da cia. Arte em Cena



Equipe atual do Arte em Cena também é formada por ex-alunos

escola vivem sob o medo, aprendendo a se esconder. Uma esperança surge com a chegada da misteriosa “Lua Azul”, que se ergue como uma esperança aos alunos. Com o ímpeto de mudança, nasce uma rebelião em busca pela liberdade na Escola de Bruxos.

(Mensagem Secreta): Quando um menino recebe uma declaração de amor secreta, ele embarca numa jornada cômica e misteriosa para descobrir quem a escreveu. Por pistas escondidas, bilhetes e sussurros pelo corredor da escola, ele mergulha no universo jovem onde todo toque de celular é um sinal e cada risada pode esconder a autora da mensagem. Com o tempo, ele percebe que o verdadeiro enigma não era só “quem me escreveu?”, mas o que acontecerá quando ele descobrir quem foi.

Divulgação/Arte em Cena



Espectáculos são ensaiados ao longo do semestre
Divulgação/Arte em Cena



Algumas peças são releituras de obras clássicas

Diário

21/11 - 19h30

“Diário” é uma comédia dramática que mostra como o bullying, disfarçado de brincadeira, pode causar grandes feridas. Entre risos e lágrimas, um grupo de jovens revela as páginas escondidas de seus diários. No palco, cada personagem tenta rir de si mesmo para não chorar, transformando a dor em ironia, o constrangimento em cena. O humor surge como defesa, mas também como cura. Aos poucos, o riso abre espaço para o afeto e a compreensão. A peça busca mostrar que crescer é rir do que doeu, sem esquecer o que se aprendeu.

Contos de Fada

22/11 - 18h

O espetáculo mostra um universo

de fantasia, repleto de cores e criaturas mágicas, em que as fadas, responsáveis por criar os contos clássicos, são desafiadas por um grupo de gnomos que querem ganhar protagonismo com suas próprias histórias. Por meio do uso das histórias dos “Três Porquinhos”, do “Patinho Feio” e do “Peter Pan”, os personagens refletem sobre como essas narrativas representam a realidade humana e podem influenciar a visão das crianças sobre o mundo.

O Santo Inquerito

22/11 - 19h30

A peça, que é uma releitura da obra “O Santo Inquerito”, de Dias Gomes, conta a história de Branca Dias – uma jovem acusada de heresia ao tentar afirmar sua liberdade. Entre julgamen-

tos, ameaças e dilemas morais, a peça expõe o choque entre a opressão e a força do indivíduo, convidando o público a refletir sobre como a resistência ainda é alvo de repressão nos dias de hoje.

As Guardiãs do Tempo

24/11 - 19h30

Quando um grupo de alunas de 2025 revisitam sua escola no passado, elas descobrem que a realidade se mostra muito diferente e distante do que lembravam. Entre desencontros, desafios e descobertas, as personagens aprendem, juntas, a resolver suas questões e a lidar com suas diferenças, percebendo que cada instante tem sua importância e que o tempo traz aprendizado e transformação.

Divulgação/Arte em Cena



Classificações indicativas das peças são variadas
Divulgação/Arte em Cena



Peças clássicas da cia. retornam nessa edição

Por detrás da Máscara

25/11 - 19h30

A peça conta a história de sete mulheres que, apesar de habitar o mesmo espelho, escondem segredos individuais. Sete telas revelam o que seus sorrisos disfarçam e o que o medo não consegue revelar: dor, silêncio e cansaço. Enquanto as sete mulheres fingem leveza, se sentem cobradas por cada olhar alheio. Entre a angústia e a esperança, elas buscam a próprio independência e paz.

A Linha do Tempo

26/11 - 19h30

A peça retrata a evolução da mulher através dos tempos. Do ventre do tempo, nasce a primeira voz, um sussurro de barro e sonho. Ela pinta nas cavernas o rosto do mundo, antes mesmo de ser nomeada. No Egito se fez adorada e, na Grécia, subjugada. No Renascimento pintada; já no Impressionismo, despertada. Na arte, a mulher se reinventa, passando de musa para sua própria obra-prima. No teatro, na dança, nas tintas, na palavra, pulsa o coração da história e da marca social e cultural da mulher.

Páginas do Silêncio

27/11 - 19h30

Em um mundo distópico, onde a leitura é crime e os livros são proibidos, uma personagem ousa quebrar o silêncio. Ao ler e escrever sobre aquilo que lhe foi vetado, ela torna-se alvo — e símbolo de resistência. Misturando fatos com possibilidades aterradoras, o espetáculo revela o poder da palavra e o medo que os controladores nutrem dela.

Censurado

28/11 - 19h30

A partir das produções artísticas da época da ditadura, a peça “Censurado” apresenta um paralelo, onde nas sombras do passado, ecos do fatídico ano de 1964 ainda sussurram no presente. Vozes silenciadas insistem em ser ouvidas, rompendo o véu da história abafada. Entre documentos e lembranças proibidas, nasce o desejo de denunciar. Personagens divididos entre medo e coragem, vivendo em um país que ainda teme falar. A censura mudou de rosto, mas continua a ditar o que se pode sentir. A peça revela feridas que o tempo tentou esconder, mas não cicatrizou.

Identidade na música

Conheça a Dance Music Therapy: festa de Barra Mansa que busca a conexão pela música

Por Lanna Silveira

A terceira edição da Dance Music Therapy - um evento de celebração e experimentação musical criado recentemente na região - acontece em Barra Mansa neste sábado (15), das 16h30 às 22h. As informações sobre compra de ingressos, assim como o local de realização da festa, são oferecidas diretamente pelo Instagram do evento (@dancemusictherappy), como uma forma de garantir a familiaridade do evento e oferecer um ambiente propício para a conexão através da música e da dança.

A Dance Music Therapy foi criada pelos DJs e produtores culturais Gabriela Torres e Vinícius Motta - também conhecidos como Asajj e Afterniv. A iniciativa surgiu da admiração de seus organizadores pela música, além do desejo de vivenciá-la de diferentes formas. A inspiração para criar seu próprio evento musical partiu da atmosfera da pista de dança de fes-



Divulgação - DMT

A festa é cofundada pelos DJs Asajj e Afterniv de Barra Mansa

tas regionais como a Swave - que Gabriela e Vinícius frequentam assiduamente -, além do clima de integração de DJs sets publicados por canais do YouTube como "Book Club Radio", "Crab Culture" e "+1 Baile". Para fazer o pro-

jeto acontecer, ambos estudaram sobre discotecagem e mixagem de som e compartilharam a iniciativa com amigos que nutriam o mesmo amor pela música.

Hoje, a equipe da DMT também conta com Iago Soares, que

atua como produtor executivo, e João Gabriel Sales, que cuida de tudo que se relaciona à estética do evento.

A proposta da DMT é promover um ambiente seguro e confortável para que o público se

entregue completamente à música, podendo dançar livremente, se conectar com pessoas queridas, conhecer pessoas novas e expressar sua individualidade. Cada edição do evento pretende trazer diferentes propostas de discotecagem, com DJs que exploram diversos estilos e gêneros musicais - mantendo, como ponto de ligação, as vertentes da música eletrônica.

Gabriela e Vinícius também pretendem usar o evento como uma plataforma de visibilidade aos artistas da região: seguindo a mesma ideia que inspirou a criação do evento, todos os DJ sets performados na DMT são postados em um canal do YouTube.

— O formato da gravação, na qual os DJs estão de frente para a câmera e de costas para a pista, reflete [a busca pela visibilidade do DJ]. Na festa, o artista não está em foco, mas sim sua arte, que também faz parte da pista de dança. No YouTube, o foco principal é nele e em como sua arte se reflete no público — explica Gabriela.

'Club Inferno': caos e catarse

A edição deste sábado terá a temática "Club Inferno": pensado em referência a ala do Inferno, do quadro "O Jardim das Delícias Terrenas", de Hieronymus Bosch, a ideia é promover uma explosão de sensações; uma verdadeira catarse na pista de dança.

As atrações da noite serão

os DJs: Drei, que traz uma pesquisa sonora de funk, DnB e vertentes eletrônicas; Iagosoarez, que explora estilos latino-americanos; Lis, que ressalta as influências eletrônicas presentes no funk carioca; e Asajj e Afterniv, unidos em um set estilo b2b ("back to back", com



Divulgação - DMT

Os DJ sets da DMT são postados no YouTube

alternância no controle do set entre os DJs participantes), construído com sonoridade gótica e darkwave.

Para refletir o conceito estético intenso e ardente do evento, a equipe da DMT convida o público investir em looks que usem a cor vermelha ou que sejam temáticos e autênticos, de forma geral.

— 'Club Inferno' é a nossa metáfora para a pista de dança: um lugar intenso, quente e que, embora pareça à margem, é o espaço mais seguro para a gente se entregar totalmente à música. É um convite para sentir a beleza e a necessidade desse caos — conclui Gabriela.

Celebração da cultura hip hop

Divulgação - Roda Cultural de VR

Por Lanna Silveira

A Roda Cultural de Volta Redonda apresenta, neste sábado (15), o projeto “Eu tenho rima pra trocar”: um campeonato municipal de freestyle contemplado pela PNAB - Volta Redonda. O evento acontecerá no Palco Cultural Urbano Amarel Peixoto, das 16h às 22h, com entrada gratuita.

Segundo a organização da Roda Cultural, essa edição busca celebrar a arte do freestyle, as batalhas de rima, o improviso e o peso que a palavra tem na cultura hip hop.

A programação do evento terá um formato adaptado de batalha de MCs em dupla, com 16 MCs, contemplando a “Batalha do Troco” - a batalha de MCs que faz parte da Roda Cultural de Volta Redonda e é a mais an-



roda de rima

tiga em atividade na região Sul Fluminense.

O campeonato contará com a participação dos mestres de cerimônia Graziel e Ju Dorotea. Além da batalha, a programação também contará com um show de Kmila CDD, um dos nomes mais notórios do rap carioca e nacional.

O evento também terá discotecagem dos DJs residentes da Roda Cultural, Lvks e Dirty Death, que irão explorar vertentes do hip hop, criando uma atmosfera dançante dos bailes em seus sets.

A line da edição foi pensada para celebrar a potencialidade dos MCs da região Sul Fluminense - especificamente, de Barra Mansa e Volta Redonda -, além da Batalha do Troco. A escolha de Kmila CDD para integrar a noite parte da admi-

ração da Roda Cultural pelo seu trabalho e o reconhecimento da necessidade de reforçar a presença das mulheres no movimento hip hop.

— Kmila CDD é um grande nome da nossa cultura e, neste ano, lançou o EP “Quebra-Cabeça”, que traz muito boombap e rimas suíças, o que combina demais com a Roda Cultural de Volta Redonda. Acreditamos que, como coletivo de cultura hip hop, também temos a obrigação de trazer outro fundamento para as ruas. Hoje, vivemos um cenário de mais visibilidade das mulheres na cultura hip hop, e escolher a Kmila CDD também é uma forma de contar que as mulheres sempre estiveram aqui. É uma retomada do que sempre foi nosso — conclui Isadora.

ROTEIRO CULTURAL

POR LANNA SILVEIRA

Sumaia Villela/Agência Brasil



Forró e groove

Penedo receberá mais uma edição do “Baile do 4e20” neste sábado (15), a partir das 18h, no centro cultural Ecoar - Espaço de Conexão e Arte. A programação da festa terá uma oficina de forró, dança e musicalidades com Vitor Lopes, além da discotecagem 100% vinil do DJ Muffin, que vai explorar gênero como soul, rap, reggae e MPB, e show de forró pé de serra do Trio Maroá. Os ingressos podem ser garantidos pelo perfil do Instagram @bailedo4e20.

Arthur Griman



Noite hardcore

O evento de hardcore punk R.U.A. Crew terá mais uma edição neste sábado (15), a partir das 18h, no Auê Clube, em Volta Redonda. A line-up da noite contará com as bandas: Limbo7, que mistura influências do metal e do hardcore com o funk; Fardo, que promove uma abordagem melancólica e intimista ao hardcore; About Chaos, de hardcore punk crossover; e Origem da Alma, que mescla metal, reggae e rap. Os ingressos estão a venda pelo Sympla.

Reprodução - Redes Sociais



Baile de ritmos

O Sesc Barra Mansa receberá show do Crizin da Z.O. nesta sexta-feira (14), às 19h. O grupo propõe uma sonoridade que explora diferentes estilos; como o funk, punk, rock industrial, eletrônica, samba e hip hop. A experimentação musical do grupo se une a exploração de temáticas como a desigualdade social e violência urbana em suas letras. Os ingressos estão a venda antecipadamente na bilheteria do Sesc.

Divulgação



Samba e feijoada

Neste sábado (15), o Clube Fotofilatelico de Volta Redonda recebe a primeira edição do “Samba dos Soberanos”, a partir das 11h. A line-up do dia contará com o Grupo Realce, que trará um repertório de samba e pagode, além dos DJs Max Muffin e Genesttra. Para agregar ao clima de festa e calor, o evento também oferecerá feijoada. Os ingressos podem ser adquiridos pelo perfil: @sambadossoberanos.

#cm
2
FIM DE SEMANA

Volta Redonda
recebe Festival
de Teatro da Cia.
Arte em Cena

PÁGINAS 8 E 9



'Dance Music
Therapy' explora
a música em
Barra Mansa

PÁGINA 5



Roda Cultural
celebra o hip
hop em Volta
Redonda

PÁGINA 16



Priscila Prade/Divulgação

Avôhai, Zé da Paraíba!

Musical que celebra 45 anos de carreira do bardo,
'Admirável Sertão de Zé Ramalho' chega ao Rio. **Página 2**